

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD
23 e 27 de Março de 2023

WINNING / 1969
(A Grande Competição)

Um filme de James Goldstone

Realização: James Goldstone / Argumento: Howard Rodman / Direcção de Fotografia: Richard Moore / Direcção Artística: Alexander Golitzen, John J. Lloyd e Joe Alves / Guarda-Roupa: Edith Head / Música: Dave Grusin / Som: Ronald Pierce, James T. Porter e Waldon O. Watson / Montagem: Edward A. Biery e Richard C. Meyer / Interpretação: Paul Newman (Capua), Joanne Woodward (Elora), Robert Wagner (Erding), Richard Thomas (Charley), David Sheiner (Crawford), Clu Gulager (Larry), Barry Ford (Bottineau), Karen Arthur, Bobby Unser, Tony Hulman, etc.

Produção: Newman-Foreman, para a Universal / Produtor: John Foreman / Co-produtor executivo (não creditado): Paul Newman / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 123 minutos / Estreia em Portugal: Mundial, a 18 de Março de 1970.

Winning é o mais obscuro de uma série de quatro grandes produções de “realismo automobilístico” saídas dos estúdios de Hollywood entre a segunda metade dos anos 60 e o princípio dos anos 70. Falamos do **Red Line 7000** de Howard Hawks (1965), do **Grand Prix** de John Frankenheimer (1966) e, já posterior ao filme de James Goldstone que vamos ver, o **Le Mans** (1971) que Lee H. Katzin dirigiu a pedido do grande dinamizador desse projecto, Steve McQueen. Filmes muito diferentes e qualitativamente muito desiguais, mas que se caracterizam todos por uma vontade retratar com realismo as corridas de automóveis, num realismo até documental, com imagens rodadas durante corridas autênticas e num ambiente autêntico, pleno de figuras autênticas do desporto automóvel. **Le Mans** foi o suprassumo disto, visto que o projecto inicial contemplava a participação de McQueen nas 24 Horas de Le Mans num carro especialmente equipado com câmaras que filmariam a acção de “dentro” da corrida (algo que aconteceu, mas não num carro guiado por McQueen). McQueen que, depois da morte de James Dean, era o exemplo máximo da atracção das grandes vedetas de Hollywood pelo desporto automóvel. Paul Newman superou-o nisso, precisamente a partir deste filme, que lhe despertou o gosto pela velocidade, e daqui em diante teria uma carreira paralela, como piloto e depois como dono de equipas, em várias disciplinas do desporto automóvel americano, com algumas incursões europeias – e se McQueen foi, ficcionalmente, o herói de Le Mans, na vida real foi Paul Newman o actor-piloto mais bem sucedido, com um segundo lugar nessa corrida, em 1979, quando já tinha 54 anos.

Esta introdução justifica-se porque, de facto, se passa muito tempo a ver imagens de corridas de automóveis em **Winning**, imagens que são de facto documentais, com

apogeu na longa sequência da “vitória amarga” do protagonista nas 500 Milhas de Indianápolis. Gostar de automobilismo não é um imperativo para se achar **Winning** um filme interessante, mas ajuda muito.

Mas gostar de Paul Newman e de Joanne Woodward ajuda ainda mais. Como outros filmes com eles os dois feitos nesta época (como **WUSA**), **Winning** parece um filme feito num trabalho quase terapêutico de reflexo de uma relação conjugal. O filme oscila entre a trepidação das corridas e as longas cenas, mais harmónicas ou mais conflituosas mas sempre de uma lentidão (que não é defeito) totalmente contrastante com a velocidade das cenas com os carros, que retratam a intimidade do casal formado pelas suas personagens. Que há muito de Newman/Woodward aqui, parece evidente: era o tempo em que (como num espelho da relação entre Frank Capua e Elora, nomes das personagens que interpretam) a carreira de Paul seguia a todo o gás, como se fossem umas 500 Milhas do cinema, e a de Joanne ia ficando para trás, na bancada, a cuidar da família; era também o tempo em que se acentuava a inabilidade de Paul para lidar com o seu único filho “varão”, Scott, nascido do primeiro casamento e adolescente problemático que no final da década teria um fim trágico (morte por overdose de drogas, que nunca cabalmente se esclareceu se accidental ou propositada). As várias cenas da conquista de uma intimidade entre Capua e Charley, o filho adolescente de Elora, que corresponde a uma espécie de introdução do rapaz à vida adulta guiada pela personagem de Paul, terão certamente tido um significado pessoal bastante intenso para o actor.

Como, não menos certamente, o grande fantasma, ou a grande fantasia, que percorre **Winning** de uma ponta à outra: a ameaça do fim de uma relação conjugal, incluindo (na relação Woodward-Robert Wagner), o fantasma da infidelidade conjugal. É quase, ou é mesmo, estruturalmente, uma declinação da velhíssima fórmula do “boy meets girl” (nas cenas iniciais), “boy loses girl” (por obsessão profissional e incúria sentimental), “boy gets girl back” (ou assim tudo indica no final relativamente aberto). Na época, a questão da projecção pessoal dos actores nas personagens não escapou à crítica: Andrew Sarris, no *Village Voice*, escreveu que **Winning** era “um projecto à Howard Hawks filmado à Fellini”, pensando certamente no **Otto e Mezzo**. Tinha meia-razão – **Winning** não tem nada que se pareça com Fellini, mas o lado introspectivo do filme é mais que certo. Em todo o caso, **Winning** é mais um destes Newman/Woodwards muito mal apreciados na época a que o tempo fez bem, ou a que faz bem ser visto num contexto como este, centrado neles: que ninguém diga que aquela cena final, da aparente “reconquista”, tão serena, tão calma, tão adulta, mas tão cheia de remoinhos lá por dentro, não é um dos mais bonitos momentos Newman/Woodward que existem, todos os filmes considerados, incluindo os melhores que este.

Luís Miguel Oliveira